



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Práticas dos professores da Escola Municipal de
Ensino Fundamental Maria da Consolação de
Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA**

JANICE LOPES DA COSTA

ITAITUBA/PA

2013

JANICE LOPES DA COSTA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Práticas dos professores da Escola Municipal de
Ensino Fundamental Maria da Consolação de
Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA.**

Monografia de Graduação apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA/PA

2013

COSTA, Janice Lopes da.

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA / Janice Lopes da Costa – Itaituba: CLPP da FAI, 2013.

54 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2013.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Esp.

1. ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos professores da EMEF Maria da Consolação Cerqueira, município de Itaituba-PA.



FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Autorizado e credenciado – Portaria MEC Nº 2557 de 15/09/2003.
Av. Governador Fernando Guilhon, 895
Jardim das Araras – Itaituba – Pará
Site: www.unifaitb.edu.br / Email: fai@unifaitb.edu.br

Acadêmica: JANICE LOPES DA COSTA

TÍTULO: ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA.

Monografia de Graduação apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para Obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pela Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Profº Drº. Francisco Cláudio de Sousa Silva.

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Maria Elenilda Fidelis Rodrigues

Resultado: _____ Média: _____

Data: 23 de Março de 2013

Aos meus pais, José Bastos da Costa e Maria Angelita Lopes da Costa, pela confiança que depositaram em mim, por tudo que sempre me proporcionaram com muita fé, força e coragem.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter permitido que eu chegasse ao final dessa longa caminhada, pois não cai nenhuma folha da árvore e nem uma gota de orvalho do céu, se não for de vossa vontade.

Aos meus pais e familiares, pelo incansável apoio contribuindo e incentivando no percurso dessa caminhada o que me levou a superar todos os obstáculos.

A minha Orientadora, prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, por me ajudar com muita paciência no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores da Faculdade de Itaituba, que compartilharam seus conhecimentos.

Ao professor José Penna Bandeira, pelo grande incentivo de seguir esse maravilhoso caminho.

E a todos os meus amigos que direto ou indiretamente sempre torceram pela minha vitória. Afinal sonhos foram feitos para serem sonhados, mas também para serem realizados, e hoje posso dizer que estou realizando um deles.

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção devida e de existência, de gozo e boniteza exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

(Paulo Freire, 1993).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Justificativa quanto à necessidade de capacitação para trabalhar Orientação Sexual.....	43
Quadro 2. Opinião dos professores quanto à família está orientando seus filhos.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1. É permitido trabalhar a Orientação Sexual em sala de Aula?.....	42
Gráfico 2. Temas da sexualidade que mais se apresentam em sala de aula....	44
Gráfico 3. Autoavaliação do trabalho sobre Orientação Sexual.....	45

LISTA DE SIGLAS

CID- Código Internacional de Doenças

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC- Ministério da Educação

OMS- Organização Mundial de Saúde

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação

COSTA, Janice Lopes da. ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba - CLPP da FAI. Itaituba-PARÁ. 2012.

RESUMO

A Sexualidade é uma particularidade própria do ser humano e está presente na vida desde do nascimento até a morte, ela reflete a totalidade sociocultural no qual o sujeito está inserido e se desenvolve. Ainda que a educação sexual seja uma necessidade, ela ainda é um desafio, pois a moralidade tradicional aprofunda em princípios religiosos e em tabus, nem sempre admite que a sexualidade seja um assunto no espaço familiar e até mesmo na escola. Dessa forma este estudo identifica que Embora a educação sexual seja uma necessidade, ela ainda é um desafio, pois a moralidade tradicional, enraizada em princípios religiosos e em tabus, nem sempre permite que a sexualidade seja um assunto tratado no âmbito da família e até mesmo na escola apesar de ser trabalhada de forma insatisfatória, embora a orientação sexual aconteça às vezes no espaço escolar através de palestras ministradas por especialistas mostrando o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do aluno e os educadores tem um papel de conversar com os mesmos, na orientação sexual o conteúdo pode e deve ser flexível de forma a envolver as necessidades específicas de cada momento de forma que garantam informações e discussões básicas sobre a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Orientação Sexual: Práticas dos professores

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE SIGLAS

RESUMO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....11

1 GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: CONCEITOS E IMPLICAÇÕES.....12

1.1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DAS QUESTÕES DA SEXUALIDADE.....12

1.2 GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: PRINCIPAIS CONCEITOS.....12

1.3 PRINCIPAIS TEÓRICOS.....18

1.4 SEXUALIDADE E SOCIEDADE – PENSAR SOBRE AS FAMÍLIAS.....22

2 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR.....27

2.1 EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: DEFINIÇÕES.....27

2.2 LEGAIS E EDUCAÇÃO SEXUAL.....32

2.3 PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA.....34

2.4 A TRANSVERSALIDADE NA ORIENTAÇÃO SEXUAL.....37

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos Professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira , de Itaituba-PA.....41

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....41

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS.....42

3.3 PRÁTICA DOS PROFESSORES ACERCA DA TEMÁTICA DA SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR.....42

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....50

APÊNDICES.....52

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sexualidade é uma característica inerente do ser humano e está presente na vida desde o nascimento até a morte, ela reflete o contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido e se desenvolve. A vivência da sexualidade está diretamente relacionada à forma pela qual os valores e as práticas sociais são percebidos e incorporados pelos sujeitos, refletindo as diferentes culturas de nossa sociedade.

Nesse contexto, este estudo objetivou descrever como acontece a orientação sexual nas escolas públicas de Itaituba, como também identificar que concepções têm os professores referentes às questões da sexualidade e ainda reconhecer os temas da sexualidade que mais se apresentam no espaço escolar.

Embora a educação sexual seja uma necessidade, ela ainda é um desafio, pois a moralidade tradicional, enraizada em princípios religiosos e em tabus, nem sempre permite que a sexualidade seja um assunto tratado no âmbito da família e até mesmo na escola.

Como procedimento metodológico desta monografia foi utilizado pesquisa bibliográfica buscando analisar diferentes abordagens e concepções de sexualidade e a orientação no âmbito escolar, com base em autores como LOURO (1999, 2000, 2004), FOUCAULT (1984, 1990, 1993, 1998), NUNES (1997), JUNQUEIRA (2006, 2007, 2009), BRASIL (1994, 1996, 1997, 1998, 2000, 2001, 2004) e WEREBE (1998). Também se realizou uma pesquisa de campo, com aplicação de questionários a 13 professores do ensino fundamental da Escola Municipal Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, município de Itaituba/PA com a finalidade de conhecer suas concepções sobre as questões da sexualidade no espaço escolar.

O trabalho está estruturado em três capítulos. Sendo que no primeiro é feito um breve histórico acerca das questões da sexualidade, destacando os principais teóricos e o pensar das famílias e da sociedade sobre a sexualidade.

O segundo capítulo enfoca a questão da orientação sexual no âmbito escolar, discorrendo sobre a importância dos aspectos legais, o papel da família e da escola e a transversalidade na orientação sexual.

O terceiro capítulo traz a análise dos dados coletados na pesquisa realizada na escola, em que se conheceu a prática dos professores acerca de se trabalhar à orientação sexual e os temas que mais se apresentam no cotidiano escolar.

1 GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: CONCEITOS E IMPLICAÇÕES

Este capítulo tratará das questões referentes aos conceitos historicamente construídos sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual ao longo dos séculos, assim como os teóricos que se debruçaram no estudo da sexualidade humana ampliando as concepções e concebendo o termo não só como a manifestação dos impulsos sexuais, mas como manifestação de sentimentos, medos, conhecimentos e descoberta do prazer. Ainda serão abordadas questões de comportamentos e atitudes das famílias e da sociedade diante de situações tão polêmicas e cheias de mitos e tabus como as que giram em torno da sexualidade humana.

1.1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DAS QUESTÕES DA SEXUALIDADE.

A biologia não explica isoladamente a sexualidade, nem isoladamente é capaz de definir o porquê da vida humana. É imperioso redefinir a sexualidade em termos mais amplos, e reconceituar, em bases mais sólidas, a finalidade da existência.

A sexualidade humana é um tema sobre o qual existe uma diversidade de opiniões em nossa sociedade. É uma dimensão humana muito influenciada por emoções e sentimentos, por crenças e valores de cada pessoa. A convivência entre o masculino e o feminino torna todas as relações sociais inevitavelmente sexuadas. Herdamos um sexo. A cultura e a sociedade vão nos dizer o que devemos fazer com ele. Ora repressiva, ora permissiva, a sociedade não cessa de interferir, através de suas instituições, no comportamento sexual das pessoas, definindo, no tempo e no espaço, padrões de comportamento sexual, culturalmente aceitáveis (BRASIL, 1994:15a).

A sexualidade não é apenas um conjunto de atos reflexos herdados ou adquiridos na convivência social. Ela é também uma forma de satisfazer as exigências psicológicas do indivíduo. É a maneira de suprir a imperiosa necessidade que todo ser humano tem de compartilhar, com o outro, a dor de sua solidão existencial (IBIDEM:15b).

Na Idade Média, acreditava-se que as crianças eram seres "puros" e "inocentes" que não tinham sexualidade a expressar; e as manifestações da sexualidade infantil possuíam a conotação de algo feio, sujo, impuro, cuja existência se devia à má influência de adultos. As formulações conceituais sobre sexualidade

infantil ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por toda a sociedade e até mesmo por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores, que se recusam a tratá-la como um tema a ser trabalhado em sala de aula (GTPOS, ABIAS, ECOS, 1994:118).

A vivência sexual saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos.

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou "julgamento" do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica (BRASIL,1997:117–118).

É a parte das relações familiares que as crianças acabam descobrindo o próprio corpo e começa a observar o corpo de outros se descobrindo num corpo sexuado de menino ou menina, a partir daí começa as preocupações com as diferenças entre sexos, não só as corporais, mas também com todas as expressões que diferenciam o homem da mulher. A construção do que é pertencer um ao outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninas e meninos, até mesmo nas expressões diretas ligadas a sexualidades, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são vindos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças dos sexos e transmitidos através da educação, o que atualmente recebe o título de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referenciais fundamentais para a construção da identidade da criança.

Na medida em que a sociedade se tornou mais preocupada com a vida de seus membros, ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com a vida dos indivíduos. Isso deu lugar a métodos intrincados de administração e gerenciamento; a um florescimento de ansiedades morais, médicas, higiênicas, legais; e a invenções voltadas ao escrutínio científico todas planejadas para compreender o eu através da compreensão do comportamento sexual. Isso leva a crer que se poderia padronizar a sexualidade humana, excluindo os que se diferenciam do normal.

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO *apud* JUNQUEIRA, 2007:14).

A partir do século XVII, tornou-se uma aparelhagem para a produção de discursos sobre o sexo, a qual, baseada na técnica da confissão, possibilitou a constituição do sexo como objetivo de verdade. Segundo Foucault, a análise dessa busca da verdade sobre o sexo, da formação de certo tipo de saber sobre o sexo, deve ser feita sob o viés do poder, não um poder que funcione pelo direito, mas pela técnica, não pela lei; mas pela normalização; não pelo castigo, mas pelo controle. O poder é onipresente porque a cada instante, em todos os pontos, em toda relação: ele está em toda parte não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares (ALTMANN, 2001:577a).

Muitos consideram que a sexualidade é algo natural, seja para mulheres e homens. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social, política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo dado pela natureza, inerente ao ser humano. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções. Processos profundamente culturais e plurais. Através de processos culturais, definidos o que é – ou não natural; produz-se e transforma-se a natureza e a biologia e, conseqüentemente, torna-as históricas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000:5).

Ainda segundo ALTMANN (2001:577b) o termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimento, sensações e sonhos.

Não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT *apud* ALTMANN, 2001:577b).

Segundo NUNES (1987:16), “[...] a sexualidade de maneira privilegiada, é este terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual e o coletivo de cada um de nós”. Sendo assim, pode-se concluir que a sexualidade não tem relação com determinismo animal, isso significa que ela não é limitada ao mundo natural.

Para além da sexologia, é preciso que tomemos as sexualidades diferentemente de estruturas, personalismos e energias, para tomá-las como fluxos de desejos e de prazeres, sempre intempestivos e singulares. O Ministério da Educação, em 1996, incluiu a sexualidade, como tema transversal, nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. No entanto, o discurso institucional que poderia ensejar o alargamento e o aprofundamento do debate em termos críticos e inovadores, ainda gravitava em torno de preocupações de combate à Aids e DSTs. Acerca disso, observa LOURO (2004: 36) quando diz que “[...] as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e ameaça, colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida”.

1.2 GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: PRINCIPAIS CONCEITOS.

Questões concorrentes a gênero (e mais especificamente a mulheres) costumam ser um pouco mais expressivos. Isso, em grande medida, resultou do empenho dos movimentos feministas que, a partir da década de 1970, conseguiram ações pontuais dentro das escolas. Tal atuação se deu contemporaneamente à realização de importantes estudos acerca da condição da mulher na sociedade brasileira (JUNQUEIRA, 2006:12).

As preocupações em torno das sexualidades, das homossexualidades e das identidades e expressões de gênero também não são novas no espaço escolar. No entanto, no Brasil, só a partir da segunda metade dos anos 1980, elas começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais - entre eles, a escola e a universidade (sobretudo nos programas de pós-graduação, a partir dos quais se constituíram núcleos de estudos e pesquisas sobre Gênero e a área de Estudos Gays e Lésbicos). Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de Ciências ou, eventualmente, a Educação Moral e Cívica (CADERNOS SECADI, 2007:12).

As discussões em torno das gerações de gênero não excluem e nem diminuem a importância das reflexões sobre a regulação social da sexualidade. Ao longo dos processos de construção dos gêneros e das relações que se estabelecem em função disso, são praticamente onipotentes as junções da heteronormatividade, com seus mecanismos de controle, policiamento e censuras referentes a gênero e a sexualidade.

Fruto de um país que assistia a uma série de mudanças comportamentais, a necessidade de se fazer frente à AIDS fez com que organismos oficiais, tais como os Ministérios da educação e o da Saúde, passassem a estimular projetos de educação sexual, nos fins dos anos 80 e 90, contudo, assim como ocorreu em diversos outros países desde o fim dos anos 1970, muitas iniciativas em que se abordavam as temáticas relativas à sexualidade acabaram por alimentar uma visão conservadora de educação sexual- uma espécie de política sexual voltada à contra ameaça à família e ataques à normalidade heterossexual (WEEKS *apud* LOURO, 1999:76-77).

A Organização Mundial de Saúde - OMS não aceita que a homossexualidade seja considerada doença e, por isso, em 1990, excluiu-a do Código Internacional de Doenças - CID. Antes dela, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria – APA, já havia retirado a homossexualidade de seu Manual de diagnóstico e estatísticas de distúrbios mentais. Da mesma forma, no Brasil, os Conselhos Federais de Medicina (desde 1985) e de psicologia (desde 1990) não consideram a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão. A Resolução do Conselho Federal de Psicologia de 1999, Art. 2º afirma que, os psicólogos deverão contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles comportamentos ou práticas homoeróticas.

Isso implica que a sexualidade transcende à consideração meramente biológica instrutiva, transcendendo assim, a intencionalidade e a escolha que a tornam

uma dimensão humana, dialógica, cultural e está presente desde o surgimento ou organização da cultura humana, esta condição é essencial à sexualidade.

Para CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA (2004:29), pesquisadoras da UNESCO – (Organização das Nações Unidas para a Educação) no Brasil, o conceito de sexualidade tem uma plasticidade porque depende do olhar ciente, do autor, da área de conhecimento, dos atores em suas vivências. Logo, entendem que a sexualidade,

[...] é experimental ou expressa em pensamento, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, praticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida, envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações efetivas, nossa cultura.

O que as autoras afirmam remete ao entendimento que como seres sexuados os seres humanos são também, sexualizados, isto é, envolvidos com a dinâmica e com as características da sexualidade de cada ser.

Quando da expressão da homossexualidade, e mais especificamente da travestilidade ou transexualidade, ainda na infância e depois na adolescência, o que se tem percebido nos relatos ouvidos e nas observações etnográficas realizadas são histórias de discriminação, violência e exclusão, muitas vezes seguidas de morte e que têm início dentro da própria família. Começa aí o processo de estigmatização que se desenvolverá como ondas, propagando-se da família para a comunidade, da comunidade para a escola, para os serviços de saúde e demais espaços e contextos de relações com que essas pessoas venham a interagir (PERES *in* JUNQUEIRA, org. 2009:237).

Nos processos de estigmatização, é paulatinamente estabelecido todo um sistema de depreciação e desvalorização que leva a pessoa a se inferiorizar, perder a autoestima e aceitar toda a imposição dos estigmas, em decorrência da introjeção de valores como verdades absolutas e de modos de ver que justificariam a sua desqualificação e exclusão como algo natural, justo e inevitável.

Desde então, no Brasil e no exterior, em consequência das críticas aos processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades sociais, emergiram discussões acerca da necessidade de se elaborarem pedagogias feministas ou práticas educativas não sexistas. Trata-se de um debate ainda em

curso, feito a partir de diferentes posições teórico-metodológicas e de multiplicidade de encaminhamentos, proposições e limites (LOURO, 2004 *apud* CADERNOS SECADI, 2007:12).

Entretanto, não resultaram na plena incorporação e explicitação dos temas nos documentos de política educacional. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN para o Ensino Fundamental, são, ainda hoje, a única referência oficial de tratamento das temáticas relativas a gênero no campo educacionais.

1.3 PRINCIPAIS TEÓRICOS.

O psicanalista Freud fez um amplo estudo a respeito da sexualidade humana e foi o primeiro a descrever sobre a sexualidade infantil. Para ele, "todos os impulsos e atividades prazerosas são sexuais" (FREUD *apud* KUPFER, 1989:47). Acredita que fatores sexuais podem ter sua parte na etiologia das neuroses, sendo muito frequente a descoberta de fatores patogênicos na vida sexual de pacientes com transtornos mentais. Freud tinha formação humanista muito forte, tinha uma produção intelectual intensa e por sua erudição, conseguia pensar em metáforas para as referidas explicações.

Freud mostra que "a sexualidade humana não se liga à genitalidade e que se organiza a partir de operações psíquicas". Propôs que as crianças já apresentam uma sexualidade muito diferente das outras espécies e que, na infância, não está comprometida ao órgão sexual, mas a sensações ligadas à sexualidade. Isso foi revolucionário para a época, quando se achava que a sexualidade ficava adormecida (GTPOS, ABIAS, ECOS, 1994:14).

Sigmund Freud (1877-1886) esclarece sobre as fases de desenvolvimento psicosssexual, e nos diz que a libido situa do nascimento a puberdade três etapas gradativas representativas do grau de maturação sexual da criança e que marcam o início da vida sexual do ser humano. Fase oral, fase nasal, fase fálica. Depois, vem a puberdade. Estas etapas variam de início, fim e duração de indivíduo para indivíduo.

O período inicial é a primeira fase desse amadurecimento e está direcionado para o próprio corpo. Ao nascer, o bebê perde a relação direta que possuía com a mãe iniciando sua adaptação ao meio. A libido está organizada em torno da zona oral e o tipo de relação será a incorporação: a criança incorpora o leite e o seio, e sente ter a mãe dentro de si. Ainda na primeira fase, dos dois aos três anos, a libido passa da organização oral para a anal. O primeiro controle muscular amadurece neste período em que o controle dos esfíncteres torna-se mais evidente, juntamente com o sentido de propriedade relativo seus pertences. Consolida-se aí o andar e o falar. A partir dos quatro anos a libido passa a se localizar nos órgãos genitais. É natural nesta fase um grande interesse pelos órgãos genitais e a masturbação frequente. A criança fixa a sua atenção no genitor do sexo oposto, num sentido evidentemente incestuoso. É a fase edipiana, quando forma-se na criança uma espécie de busca de prazer junto ao sexo oposto. O menino fixa-se na imagem da mãe, e a menina na do pai. O encerramento deste ciclo coincide com o período de conclusão da educação infantil e a adulta e nele não há nova organização de zona erógena (FREUD 2006; 171 a 177).

Caso seja respeitado o desenvolvimento das sucessivas fases de amadurecimento sexual, a criança seguirá seu curso normal entrando numa fase chamada período de latência, quando ela irá sublimar as atenções da área sexual e está mais apta a adquirir novos conhecimentos através do amadurecimento intelectual esperando neste período, que irá até aproximadamente os onze anos, início da puberdade. A partir daí a libido toma direção sexual definitiva.

Por outro lado, Jean Piaget classificou quatro estágios no desenvolvimento do raciocínio humano, que iam do nascimento até o fim da puberdade e conseqüentemente ao início da adolescência, pode-se concluir que a sua classificação coincide com as observações de Freud, e ainda constatar além do desenvolvimento psicosssexual.

Na obra de Jean Piaget (1896-1980), esses mecanismos recebem o nome de esquemas de ação e são considerados o motor do conhecimento. Há inúmeras possibilidades de esquemas de ação. Mamar, sugar, puxar e prender são esquemas comuns no desenvolvimento da inteligência sensório-motora (em média, até 2 anos de idade). Imitar, representar e classificar é típico da inteligência pré-operatória (aproximadamente de 3 a 7 anos), assim como ordenar, relacionar e abstrair caracteriza o período operatório-concreto (de 8 a 11 anos). Já argumentar, deduzir e inferir aparece na estruturação da inteligência operatória formal (a partir dos 12 anos). É com base nesses esquemas que as pessoas constroem as estruturas mentais que possibilitam o aprendizado (MUNARI, 2010: 120,121).

Ao cruzar as conclusões de ambos, verifica-se que a concordância entre o período de latência de Freud e o terceiro estágio de Piaget reforça a importância deste período no processo de desenvolvimento acentuado do intelecto. À ausência da fase de latência substituída pelo interesse sexual prematuro pode-se chamar dentre outras expressões de queima de etapa. Não é demais lembrar que, quando Freud e Piaget se referem às características de uma determinada faixa etária, por exemplo, dos sete aos onze anos, não se deve perder de vista certa flexibilidade no sentido deste momento pode ser um pouco antes dos sete, ou um pouco depois das doze a depender do grau de maturação da criança variando, pois, de indivíduo para indivíduo e que é influenciado por diferentes variados socioculturais.

A história da sexualidade é para, Foucault, uma história de discursos sobre a sexualidade, que modelam as formas como se pensa e se reconhece o corpo. Essa exploração discursiva sempre em expansão é parte de complexo aumento do controle sobre o indivíduo, controle não através da negação ou da proibição, mas através do aparato da sexualidade.

O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global [...] O sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie, isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o “corpo político”) como um todo (FOUCAULT, 1993:101).

Foucault, como outros que têm explorado a sexualidade na modernidade, está dizendo muito mais do que isso: que este processo é o resultado de uma nova configuração de poder que exige classificar uma pessoa pela definição de sua verdadeira identidade que expressa plenamente a real verdade do corpo.

Para a teoria foucaultiana, trata-se de compreender como o sujeito é levado a se reconhecer parte de uma sexualidade que se estende a campos do conhecimento diversificados e que se pronuncia em um sistema de regras. O autor busca em seu texto analisar como os indivíduos foram instigados a voltar-se a si próprios, se reconhecerem como sujeitos de desejo. Ao falar de sexualidade, o autor faz uma ressalva à mesma como uma experiência história única.

FOUCAULT (1984) *apud* JUNQUEIRA (2009:98), ao citar a sexualidade faz referencia às práticas sexuais, que para os gregos da antiguidade eram positivas. Nesse enfoque, busca-se compreender como o sujeito se constituiu como sujeito

moral, através da sexualidade. A sociedade capitalista liga prazer e poder. Diante disso a sexualidade pode ser entendida como assunto presente na sociedade, relacionado às questões morais e sociais.

A sexualidade se constrói não apenas no biológico, mas principalmente no imaginário: a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas sim no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de 'normalidade' imposto na convivência social.

Questionando a teoria genética da sexualidade, Foucault coloca que a sexualidade deveria ser analisada numa abordagem histórica, analisando os vários discursos produzidos sobre o tema para assim obter uma visão ampla sobre o fenômeno dentro de uma perspectiva histórica e cultural. Para ele tanto a história tradicional, quanto a psicologia não davam a devida importância à sexualidade como elemento primordial nas questões sociais, pois ambas não colocavam a questão dentro de uma perspectiva histórica. Desta forma este autor apresenta a história dos discursos sobre a sexualidade.

Foucault procurou explicar que o controle, os discursos não necessariamente reprimidos, mas dependentes e submetidos a um controle sobre a sexualidade estendendo-se ao aprendizado, desviando o controle das discussões e não a fala sobre a sexualidade, mas a afinidades de poder que se estabelece a partir daí, comprovando que a representação não é encerrada no lar por compromissos matrimoniais e parentais, principalmente com relação ao seu papel de mãe.

O sexo é colocado como centro do discurso e da análise que envolvem a histerização do corpo da mulher, segundo o autor à mulher são atribuídos dois papéis - o de mãe (mulher procriadora) e o seu negativo, o de histérica (mulher nervosa); e a pedagogização do sexo da criança: inocente em relação ao que vem a ser uma sexualidade saudável, a criança é preocupação de todos, pois sujeita a se dedicar a atividades sexuais indevidas, por isso, perigosas. Essa pedagogização travou guerra contra o risco maior - o onanismo (a prática da masturbação); de socialização das condutas de procriação, controle demográfico através de incitações ou freios à fecundidade dos casais, pelo Estado e pela medicina; e da psiquiatrização do prazer perverso: os vícios e os pecados foram classificados como doenças, sendo patologizados (FOUCAULT, 1990:10).

Assim Foucault desvia para o centro das discussões não o discurso sobre a sexualidade, mas as relações de poder que a ciência estabelece a partir daí, demonstrando que a repressão não é necessariamente uma "verdade". Para Foucault a sexualidade da mulher foi encerrada no lar normalizada por obrigações

conjugais e parentais, especialmente com relação ao seu papel de mãe.

Sendo Freud o grande representante da ideologia sexualistas, acabou forneceu instrumentos fundamentais para um trabalho de explicação e intervenção sobre o valor da sexualidade para a formação de cada sujeito, como um ser estudado, julgado, castigado, absolvido, aliviado, provocado que as ideias de Foucault, sobre a sexualidade é apenas uma visão de mundo pertencente ao imaginário que, embora tradicional e complicado ao modo de pensar psicanalítico, deve mais à história das morais que à natureza.

1.4 SEXUALIDADE E SOCIEDADE – PENSAR SOBRE AS FAMÍLIAS.

A família transformou-se profundamente ao longo do século XXI. Relembrando algumas dessas mudanças, se tem: a escolha de parceiro para uma vida conjunta passou a ser feita de forma livre e orientada pelo afeto e sexualidade; se o amor é a principal razão para um casal viver e manter-se junto, as relações conjugais são mais intensas e instáveis podendo mudar quando mudam os sentimentos; existência legal de divórcio e existência de muitas configurações domésticas: famílias homossexuais e heterossexuais, famílias biparentais, e monoparentais, recompostas com diferentes composições bem como outro tipo de agrupamentos, nomeadamente migratórios; são várias as formas familiares e grandes as possibilidades de mudanças ao longo da vida; presença de muitas situações de celibato por opção pessoal; também os filhos passam a ser desejados e mais integrados no projeto de vida do casal; existem hoje muitas opções de não ter filhos.

Uma família é mais do que a soma das pessoas que a compõem, é o que advém desse próprio meio intenso e interativo de vida. A comunicação existente, a interdependência, as ações e reações que se repetem ao longo do tempo e os padrões transacionais regulam os comportamentos dos diferentes membros da família. Cada família evolui ao longo do seu ciclo de vida ritmada pelas problemáticas das fases e das transições: formação do casal, filhos pequenos, filhos em idade escolar, filhos adolescentes, filhos adultos, reforma e envelhecimento. As ocorrências e os acasos, as crises, as rupturas, as chegadas e saídas de elementos, os nascimentos e as mortes, as alegrias e os lutos, os novos papéis e funções desempenhados (tais como ser genro, pai, sogro, padrasto, avô [...]) as mudanças de espaço e de terra [...] interagem num processo transformador. Cada família tem assim que ser entendida enquanto unidade com a sua composição, dinâmicas, valores, mitos, segredos, hábitos de relacionamento e formas de expressão de sentimentos e de ternura, ritmos, ritos, interesses partilhados, modalidades de gestão de conflitos, abertura à comunidade e às relações de vizinhança, processos de autonomia, características de comunicação, narrativa [...] (SANTOS, 2010/2011:2).

Porque foi capaz de se transformar com os questionamentos e as novas exigências da esfera social, política, econômica, cultural e científica, a família sobrevive como célula básica da sociedade continuando a desempenhar importantes funções estruturais de desenvolvimento e realização pessoal, socialização, sustentação, proteção, referencial, assim como de expressão de sexualidade entre o casal.

Espaço de interface entre o individual e o social, de amadurecimento de valores e projetos individuais e de grupo com os seus traços comuns e divergentes é ainda um espaço de aprendizagem e de reelaboração das aprendizagens ocorridas fora da família. Referida como matriz cultural costuma-se atribuir-lhe o melhor “cimento social” para assegurar os valores cívicos e os hábitos de cidadania da comunidade envolvente (IBIDEM: 4).

No tratamento das questões acerca da sexualidade é necessário que se considere como historicamente família e sociedade pensam sobre a temática e de que forma as questões a ela relacionadas são concebidas dentro da instituição familiar. Uma vez que a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam.

WEREBE (1998:148) afirma que a educação informal, que se realiza pela família, possui uma importância no desenvolvimento da criança e na formação de valores. Para o autor, os pais são os primeiros educadores da sexualidade da criança. Tal educação ocorre muitas vezes de forma inconsciente, pois, os pais não têm noção das consequências de suas atitudes ou falas, e o que essas proporcionarão as crianças. Os pais educam mais pela atitude do que pelo que dizem. Percebe-se o quanto a fase da descoberta dos órgãos genitais pelas crianças, que ocorre por volta dos três anos, desestabiliza os pais e os educadores.

Nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto [...] há pais rígidos e moralistas que procuram as normas de conduta severas no domínio da vida sexual, impedindo que eles se desenvolvam sem culpabilidade. Outros, porém, são liberais e compreensivos, procurando manter com os filhos um diálogo sobre as sexualidades (IBIDEM:149).

É dever dos pais dar atenção aos questionamentos das crianças, respondendo de forma satisfatória às perguntas feitas, no entanto sempre considerando que é necessário respeitar a fase (infância ou adolescência) em que se encontre a criança. De fato, o cenário da sexualidade muito se alterou no que diz respeito à família, mas não produziu um panorama de liberdade. Os constrangimentos sociais que enquadram a sexualidade foram em parte alterados, em parte acomodados às antigas prescrições de gênero.

A família é um bem valioso, é verdadeiramente o alicerce de uma sociedade. A educação de um filho é um projeto de vida com a finalidade de prepará-lo para a ética, a responsabilidade, autonomia de comportamento, independência financeira e a tão almejada felicidade. Mas não está nada fácil para os pais e educadores lidarem com a precocidade de crianças e adolescentes de hoje. Pois vive uma realidade globalizada, informatizada e lutam por ser cada dia mais independente do que os de um passado bem recente. Mesmo com tanta evolução, mudanças de comportamento e necessidade de autoconhecimento mais profundo, ainda há adultos que pararam no tempo e continuam em pleno século XXI, limitando-se a perceber sua sexualidade com medos, preconceitos e tabus.

A família que acolhe e provê o sustento e o desenvolvimento do indivíduo é a mesma que reprime e pune as manifestações sexuais, apontando o sexo como algo errado e proibido. Expressões como “sexo é errado”, “não quero que você namore”, “você não devia pensar nessas coisas” são alguns exemplos de como a educação sexual vem sendo empregada nos mais variados contextos familiares.

Visão negativa da sexualidade, ligando-a ao pecado, a vergonha, as doenças e a infelicidade, tem sido um dos principais obstáculos ao desenvolvimento harmonioso e prazeroso da vida sexual. Quando os adultos exercem forte repressão sobre as atividades exploratórias da infância e da adolescência, a evolução afetiva e sexual pode vir acompanhada por um aprendizado exagerado de autocontrole. As crianças crescem pensando que o tema da sexualidade não deve ser tratado com adultos e que os órgãos sexuais e as sensações ligadas a eles são causa de vergonha e culpa (OLIVEIRA; DIAZ, 1998:124).

Uma sociedade bem resolvida e informada à cerca da própria sexualidade, gera seres humanos mais seguros, saudáveis e felizes com eles mesmos e com todos que estão ao seu lado.

O modelo ideal de educação sexual não deve ser rígido, estagnado ou autoritário. Deve, sim, respeitar as etapas de desenvolvimento do ser humano, sem antecipar absolutamente nada, mas respondendo tudo. Entendendo o sexo como algo inerente a este processo e contribuir para a construção de uma vida sexual intensa e sem vítimas.

Pois falar em sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Esses relativismos não pode se irresponsáveis. Ele nos permite perceber a construção social sexualidade sem, contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo (NUNES, 1997:15).

Não, seria assim possível falar em sexo sem analisar essas questões que abrangem o indivíduo em todos esses aspectos. As crianças são frutos do meio social, logo aprendem valores e costumes deste meio em que vivem, os indivíduos desenvolverão seu jeito de falar, de pensar, de se relacionar e seu modo de vestir vivendo como indivíduos sexuados.

Desde o nascimento, a sexualidade está presente na vida do ser humano. É na família que a sexualidade primeiramente é educada. Contudo, o que se observa e se ouve das famílias é que a mesma tem dificuldade em tratar o tema com as crianças, uma vez que a mídia tem grande influencia nesta discussão. Assim, falar de sexo acaba envolvendo questões históricas- cultural e social.

Não, seria assim possível falar em sexo sem analisar essas questões que abrangem o indivíduo em todos esses aspectos. As crianças são frutos do meio social, logo aprendem valores e costumes deste meio em que vivem, os indivíduos desenvolverão seu jeito de falar, de pensar, de se relacionar e seu modo de vestir vivendo como indivíduos sexuados.

É no ambiente familiar que a criança começa a aprender a administrar e a resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida e que essas habilidades sociais e a sua forma de expressão têm repercussões noutros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou mesmo o adulto interagem, acionando aspectos salutaros ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos.

No mundo moderno assiste-se a uma partilha maior das tarefas educacionais e de socialização com outras instituições que passam a ser corresponsáveis e que influenciam as “culturas familiares” e são influenciadas por elas. As duas instituições com maiores responsabilidades nessas duas tarefas são a família e a escola pelo fato de constituírem ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsoras ou inibidoras quer do desenvolvimento quer da aprendizagem de cada pessoa (Revista Educação em Rede, 2010/2011:9).

Não existe uma configuração familiar ideal, o que deve existir é a entidade familiar vocacionada, efetivamente, para promover a dignidade e a realização da personalidade dos seus membros, integrando sentimentos, esperanças e valores de forma a assumir-se como o alicerce primordial para o alcance da felicidade.

Assim como a família apresenta dificuldades no trato das questões a respeito da sexualidade, gênero e diversidade sexual, as preocupações em torno das sexualidades, das homossexualidades e das identidades e expressões de gênero também não são novas no espaço escolar.

2 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

2.1 EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: DEFINIÇÕES.

Preocupações em torno da construção de sujeitos e de relações entre sujeitos dotados de corpos, gêneros e sexos sempre estiveram presentes no sistema escolar e nas políticas públicas de educação brasileira. Ainda que de maneiras diferentes e frequentemente enviesadas, tais preocupações, tradicionalmente, convergiam (e ainda convergem) no propósito de fazer da escola um espaço de normalização, disciplinamento e ajustamento heteronormativo de corpos, mentes, identidades e sexualidades.

É muito recente a inclusão das questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual na educação brasileira a partir de uma perspectiva de valorização da igualdade de gênero e de promoção de uma cultura de respeito e reconhecimento da diversidade sexual. Uma perspectiva que coloca sob suspeita as concepções curriculares hegemônicas e visa a transformar rotinas escolares, e a problematizar lógicas reprodutoras de desigualdades e opressão.

Na agenda política em geral e na educacional em particular, a inclusão de tais temáticas, a partir desse ponto de vista, é algo ainda em fase inicial de construção. Com frequência, seus diversos componentes não têm sido abordados simultaneamente, nem de maneira uniforme e tampouco com a mesma ênfase. Apesar de tais assuntos haverem enfrentado mais resistência no passado, ainda hoje é variado o grau de sua recepção nos movimentos sociais, no mundo acadêmico, entre formuladores de políticas e no campo escolar.

A escola foi historicamente concebida e organizada segundo os padrões da heteronormatividade, valorizando e edificando como padrão um único componente: o adulto, masculino, branco, heterossexual. Por isso, conforme observa LOURO (2004: 27), no espaço da educação,

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daquele que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam.

A sexualidade humana se tornou um dos temas mais preocupante e quase sempre evitado no âmbito escolar, e ao discutir a temática da sexualidade surgem algumas dúvidas. A escola nem sempre se envolve com o tema na intensidade necessária, e, muitas vezes, quando o faz, é de modo reducionista atendo-se às questões biológicas da reprodução. Entretanto, a escola é a cada momento convocada a enfrentar as transformações sociais e o impacto dessas mudanças sobre os padrões de comportamento humano no que tange à sexualidade.

Educação sexual é um caminho para preparar o educador para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade (GOLDEBERG: 1988:155).

A autora Maria José Werebe é uma referência no Brasil no que se refere à área de educação sexual. Seus textos refletem o trabalho sobre a sexualidade na escola.

Educação sexual tomada num sentido mais amplo compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não, exercidas sobre um indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual (WEREBE, 1998:78).

O ideal seria que todos recebessem uma educação sexual livre de preconceitos, mais verdadeira, de modo que os relacionamentos fossem mais abertos e comunicativos e que a vida adquirisse mais gosto e sentido. Os professores podem realizar essa tarefa, pois, é papel deles contribuir e realizar através da ação um processo de transformação da realidade na qual estão inseridos (MACHADO, 1994:15).

A escola se transforma num agente responsável pela educação sexual das crianças e se faz necessário que as instituições de ensino incluam profissionais habilitados para compreender as diversas manifestações que irão ser externadas pelas crianças detrimento das repressões.

Quando se pensa em educação sexual na infância, automaticamente tem que se pensar, também, em desenvolvimento emocional, isto é, tem que se levar em conta o nível de maturidade e as necessidades emocionais da criança. É importante que as questões da criança tenham espaço para serem colocadas e respondidas com clareza, simplicidade, na medida em que esta curiosidade vai se dando.

Deste modo, ABRAMOVAY (2004:33) avalia que

A sexualidade no universo escolar é tópico polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores, diretores, entre outros), assim como os tabus e interdito que social e historicamente cercam temas que lhes são relacionados.

Outro aspecto que deve ser considerado também são informações que as crianças recebem através da mídia, uma vez que, seja ela televisada, escrita ou falada, propaga a sexualidade como sendo uma forma de consumo, de poder e prazer. Particularidades do argumento atual, no qual estamos implantados.

Neste sentido, LOPES (1993:22) chama a atenção para uma educação sexual esclarecedora e preventiva, que precisa ser fornecida pela escola e no próprio espaço familiar, a fim de combater a discriminação que vem sendo originada por meios de comunicação em massa.

O poder de persuasão da televisão é grande e nela as crianças absorvem estereótipos veiculados nos programas, que muitas vezes estão em desacordo com o que aprendem na escola, possibilidade de transformação está na ação do sujeito que é aquele que vai “escarafunchar” o perigo ou eleger o maior perigo a ser perseguido no momento: um estado de passividade e inércia ao que está posto na televisão (BASTOS, 2005:96).

Outro aspecto que deve ser considerado também são informações que as crianças recebem através da mídia, uma vez que, seja ela televisada, escrita ou falada, propaga a sexualidade como sendo uma forma de consumo, de poder e prazer. Particularidades do argumento atual, no qual estamos implantados.

Sendo, a escola uma instituição igualitária incumbida do importante processo de socialização e transmissão de cultura, e intercessora das aprendizagens, tem neste sentido, o papel de buscar meios para trabalhar este tema na sala de aula.

Orientação sexual se refere à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico. De maneira simplificada, pode-se afirmar que esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), pessoas do mesmo sexo (homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades) (JESUS *et al*; 2006:46).

A Orientação sexual é um conceito que, ao englobar e reconhecer como legítimo um extremamente diversificado conjunto de manifestação, sentimentos e práticas sociais, sexuais e afetivas, desestabiliza concepções heterocêntricas, neutralizantes e medianizadas.

Nesse contexto, a função social da escola volta-se à inclusão social, à superação das desigualdades sociais, à valorização igualitária das varias culturas, à preservação ambiental e ao desenvolvimento local. Na mesma direção, ao situar tais discussões no terreno dos direitos humanos, deve-se ter em mente que a legitimidade da pluralidade de gênero, de identidade de gênero e da livre expressão afetiva e sexual vai além dos importantes aspectos relacionados ao direito à saúde reprodutiva.

Faz-se necessário entender que integram os direitos humanos tantos aos direitos relativos à saúde reprodutiva aos direitos sexuais, sem que estes devam ser considerados um subconjunto daqueles, pois os exploram. Afinal a sexualidade, diz respeito a muitas outras esferas de atuação humana - inclusive a da produção do conhecimento.

[...] Sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem a curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a aposta que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso (LOURO, org. 2000:72).

O trabalho de Orientação Sexual também implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as áreas do currículo, seja porque são singulares e necessitam de tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, emergindo e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhá-las.

A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família, e principalmente nos dias atuais da mídia. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizadas. Isso gera excitação e um incremento da ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança (BRASIL,1997:112).

Por outro lado, a Educação Sexual considerada formal, ganha o espaço institucional das escolas, sob a forma de ações, programas e projetos deliberados. Esta abordagem também pode reafirmar conceitos ou numa segunda visão, promover a difusão de informações relativas à sexualidade, acompanhadas de questionamentos e discussão sobre a sexualidade.

É importante esclarecer a definição de educação sexual e orientação sexual, o que podemos é que Orientação é feita no espaço escolar, quando a escola tratam

dos temas sobre gravidez, aborto, homossexualidade, ou a anatomia do próprio corpo. ou seja

Outros autores diferenciam a educação sexual da orientação sexual. Consideram a orientação sexual, derivada do conceito pedagógico de orientação educacional realizada, principalmente em escolas, por um educador ou outro profissional capacitado para tal e, aproxima-se do que se denomina como Educação Sexual Formal.

Em muitas escolas, temáticas sobre sexo e sexualidade estão ausentes nos currículos escolares, ou seja, parecem ser questões desconhecidas. Sendo assim assuntos de difícil abordagem e de completo fascínio. Os termos: Orientação Sexual e Educação Sexual se diferem e podem ser melhor entendido de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's.

O termo Orientação Sexual difere-se de Educação Sexual uma vez que está última diz respeito a experiência pessoal e ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social nas questões relativas a sexualidade enquanto que a Orientação Sexual é um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar e constitui-se em uma proposta objetiva de intervenção por parte de profissionais (BRASIL, 2000:4).

Enfim, esta conceituação é, ainda nos dias atuais, alvo de grandes polêmicas entre os vários autores. O objetivo de um trabalho sobre Educação Sexual é permitir que crianças e adolescentes entendessem a sexualidade como aspecto positivo e natural da vida humana, propiciando-se a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes pessoais frente à própria sexualidade. A abordagem da sexualidade não deve se limitar ao tratamento de questões biológicas e reprodutoras, muito ao contrário, deve incluir um questionamento mais amplo sobre o sexo, seus valores, seus aspectos preventivos, para o indivíduo como forma de exercício da cidadania.

A educação sexual, como qualquer processo educativo, apresenta efeitos e resultados demorados, muitas vezes só observados após muito tempo e, certamente não tem o poder de transformar todas as atitudes e comportamento dos jovens.

2.2 LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL.

A educação sexual não surgiu na escola a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por volta dos anos de 1970 e 1980, e mesmo antes, já se discutia a necessidade de introdução de temas relacionados à sexualidade no currículo escolar. Entretanto, há de se identificar de que maneira este tema é reinscrito na escola dentro do contexto histórico e demandas atuais.

Segundo RIBEIRO (2003:), as primeiras experiências de Educação Sexual em escolas brasileiras datam da década de 1960, principalmente na cidade de São Paulo (SP). Foram experiências que obtiveram êxito e estava impulsionando o surgimento de outras iniciativas, quando surgiu a repressão militar, especialmente no período de 1968 a 1976.

A escola, muitas vezes deixa para além de seus muros os temas que podem se tornar polêmicos ou de difícil abordagem, o que não significa que seja a melhor solução. Desse modo, desde a aprovação da LDB de 5.692/71 muitos conflitos surgiram no campo da educação sexual, obrigando a escola a retomar em seu interior um tema para muitos de seus educadores desconfortável e desnecessário.

Porém, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 93394/96), a temática sobre sexualidade surge no ambiente escolar cada vez mais fortalecida, principalmente porque a lei apresenta de forma mais enfatizada a necessidade da “formação integral do educando” sem desconsiderar os aspectos mais subjetivos da formação humana.

Acompanhando o que promulga a nova lei educacional do país, em 1997 o MEC - Ministério da Educação lança os PCNs que pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre currículos escolares. E, de acordo com os PCNs (2009), a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que transcorre o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, em adolescentes, precisam ser informados.

Os recentes documentos oficiais que regulamentam a educação nacional consideram a sexualidade humana como um tema de suma importância para a formação dos alunos como cidadão. À luz desta discussão, a ética de convivência humana nas suas relações com as várias dimensões sociais proporciona ao aluno

cidadão em formação, um melhor equilíbrio entre o mundo interior, com seus desejos e vontades, e o mundo exterior, nas diversas relações sociais que acompanham o indivíduo durante toda a vida. Sendo a sexualidade uma temática social, é um processo que resulta da convivência clara do indivíduo inserido em um contexto sociocultural influenciado pela mídia, família, religião, escola, entre outros fatores (BRASIL, 2001:).

A Lei nº 9.339/96 dispõe nos seus primeiros artigos sobre a educação e a preocupação com o exercício da cidadania e o plano desenvolvimento do educando que articula vários aspectos, como: a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência, dentre outros indispensáveis à formação integral do indivíduo, prosseguido no artigo segundo:

Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ao analisar a LDB e os PCN's, percebe-se que em ambas figura a preocupação com o objetivo principal da educação que é a construção da cidadania. Logo, não se alcança a cidadania de um país com escolas que somente trabalham conteúdos tradicionais, relegando o segundo plano o debate inevitável e inadiável como o da sexualidade humana. Nesse sentido, a LDB, concorda com o que postulam os Parâmetros a respeito da sexualidade, uma vez que estes a concebem como parte integrante na formação do educando em todos os níveis de aprendizagem.

Sendo assim, os PCN's citam que Orientação Sexual deve ser abordada na escola de duas formas: a) dentro da programação, por dos conteúdos, ou seja, transversalizados nas diferentes áreas do ensino; b) extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Não se trata, portanto, de criar novos conteúdos, e, sim, desvendar a dimensão da sexualidade em geral, oculta estereotipada nos conteúdos específicos de cada disciplina.

2.3 ORIENTAÇÃO SEXUAL: PAPEL DA FAMÍLIA OU DA ESCOLA?

Somente a partir da segunda metade dos anos de 1980, no cenário brasileiro, uma possível educação sexual formal ou orientação sexual, começa a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais – entre eles, a escola e a universidade (sobretudo nos programas de pós-graduação, a partir dos quais se constituíram núcleos de estudos e pesquisas sobre Gênero e a área de Estudos Gays e Lésbicos). Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de ciências biológicas.

Muitas famílias alheiam-se de seu papel de educadores por não terem o necessário conhecimento ou por não saberem como abordar temas considerados “delicados”, deixando os filhos receberem informações duvidosas e de forma imprópria. Essa falta de participação dos pais e da escola só é percebida pelos mesmos quando se vêm abalados pelas informações e dados divulgados pelos órgãos de saúde pública através dos meios de comunicação social acerca das doenças sexualmente transmissíveis ou do aumento nos índices de gravidez na adolescência e nos casos de abuso sexual de crianças e adolescentes.

Nesses casos, percebe-se a crescente necessidade de orientação das crianças e adolescentes, seja pela família ou pela escola. Assim, a educação sexual surge como forma de eliminar parte destes problemas, e não como uma necessidade essencialmente humana de se autoconhecer, acentuando o caráter meramente prático desse tipo de educação.

As discussões sobre sexualidade vêm sendo um desafio que permeia a prática pedagógica dos docentes das diferentes áreas e níveis. A escola deve, juntamente com a família, cuidar e zelar para o bem estar das crianças. Sendo assim a sexualidade deve ser abordada em primeiro momento pela família, que transmite seus valores Culturais, sociais, religiosos e éticos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que,

A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos (BRASIL, 1996:117).

Falar sobre sexualidade de um modo geral é muito complicado, ainda mais se esse assunto surgir em sala de aula, onde estarão outras crianças. Mas a sexualidade não é só assunto nas escolas, ela está presente em nossa vida cultural, em nosso cotidiano.

Ainda hoje a sexualidade é tratada como um tabu por parte de muitas pessoas. Perante a uma sociedade globalizada e capitalista se encontra cotidianamente com ela, através da mídia, nas ruas, e também nos espaços escolares. A princípio deve-se saber que trabalhar com a temática da sexualidade, não é uma tarefa fácil, mas é um desafio tanto para a família, quanto para a escola. Proporcionando um clima de debate e discussão, que permita a troca de pontos de vista, dando-lhes livre-arbítrio para esclarecer qualquer tipo de dúvidas que possam surgir, abordando assim qualquer tipo de assunto que abranja não só a sexualidade, para que preconceitos e mitos sobre o assunto sejam desconstruídos.

Em primeira instância, portanto, a educação sexual deve começar em casa, pois será em casa que a criança aprenderá a base sólida para contribuir com uma relação saudável com outra pessoa, sendo esta tarefa continuada pela escola (SUPLICY, 1984:).

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consistente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento na área da sexualidade (BRAGA, 2012:211).

Sendo assim, a educação sexual na escola deve objetivar principalmente o assunto da sexualidade, das emoções e sentimentos envolvidos nos relacionamentos em geral, de forma positiva e saudável. Propondo dessa forma, instigar os alunos a refletir e indagar sobre o tema transversal da sexualidade, dentro desta temática, sobre as relações afetivas. Buscando sempre uma troca mútua de informações e esclarecimentos adequados no que tange a esta importante área do desenvolvimento humano.

Grande parte dos pais e educadores não sabe ainda como lidar com seus filhos e alunos perante estes assuntos, deixando-os livres a informações muitas vezes sem fundamentos e nada positivas para a formação desta criança ou adolescentes sobre o mesmo. Uma informação errada pode gerar resultados negativos. Parece uma coisa tão batida e falada (um tema já esgotado), mas

infelizmente tem ainda muito a trabalhar pela aceitação, sensibilização das pessoas diante a este fatos.

A orientação sexual deve ser trabalhada com as crianças desde ainda pequena, os educadores devem ter extrema consciência da importância de se transmitir sobre o assunto nas escolas, em suas salas de aula. A escola é um local especial para a divulgação destas informações, porém sem ignorar a responsabilidade dos pais. O educador deve estar preparado para trabalhar os temas relacionados à sexualidade. Ninguém melhor que os pais e educadores na transmissão destes conhecimentos e formação sexual destas crianças, jovens e adolescentes.

Os educadores e a escola devem estar comprometidos com a formação para a vida e a sexualidade parte importante da vida do indivíduo desde o momento em que ele nasce. A formação de cidadãos críticos e com visão, pois, a sexualidade também é influente neste processo.

Evidencia-se nos dias atuais que, a sexualidade está em todos os lugares, as crianças tem visto e ouvido falar de sexo, em casa, na escola, na rua, com o coleguinha e principalmente pela mídia, a sexualidade é parte integrante da criança como qualquer outra, e merece atenção na proporção em que ela demandar, as crianças têm estímulos de sobra em relação à sexualidade e a outros aspectos da vida, o desconhecimento, o não dito, também gera fantasias e angústia. O importante é orientar e abrir espaço para dúvidas e responder aquilo que é solicitado.

Não existe idade ideal para iniciar o trabalho de orientação sexual, se o espaço for escolar, a orientação deve acontecer desde sempre, também em casa deve acontecer continuamente, desde que solicitados. A escola complementa o que é iniciado no lar, supre lacunas, combate preconceitos e revê conceitos distorcidos.

Com respostas que não saciam a curiosidade ou aguça ainda mais a curiosidade, a criança fica inteiramente desprotegida contra as informações grosseiras e inadequadas que recebem de várias fontes. A criança confia plenamente em seus pais e quando se deparam com a verdade não querem acreditar, e consequências desastrosas acontecem como: perda de confiança nos pais, a perda da segurança e estabilidade.

Assim, cabe à família dar orientações acerca do que considera certo ou errado, valores e critérios morais, desde o nascimento como por toda a vida, de acordo com a idade, a curiosidade da criança.

Se os pais e a escola trabalharem juntos, com certeza essas crianças terão uma educação satisfatória com todos os conhecimentos necessários, para que tenham uma formação de suas atitudes sociais e morais de responsabilidade e uma personalidade sadia.

A maioria dos pais encontra-se cercado por muitas dúvidas sobre a maneira de se portar em relação à sexualidade dos filhos, pois os genitores, em grande parte, advêm de uma geração repressora cujos valores eram mantidos como absolutos e inquestionáveis. Tal realidade faz com que estes se sintam desconfortáveis e inseguros com as demandas de seus filhos e, em última instância, acabem reproduzindo os valores que lhes foram impostos por outras gerações que, por sua vez, não contemplam as questões atuais e geram mais dúvidas e insatisfação entre pais e filhos.

Esse tipo de colocação não explica nada e cria um obstáculo altíssimo, fecha as portas da comunicação, impedindo um contato saudável, rico em descobertas e troca de afeto. As crianças não nascem psicologicamente prontas, os pais como “adultos” são o primeiro exemplo de amor, emoções e limites. Estes são apenas alguns exemplos possíveis de como a educação sexual, muitas vezes, vem ocorrendo nos mais diferentes contextos familiares.

Dessa forma, justifica-se a importância de inovações na prática do ensino-aprendizagem, que atentem para a questão da orientação sexual, desde que, estas sejam fundamentadas na realidade e em um constante processo de reflexão e reestruturação da prática pedagógica.

2.4 A TRANSVERSALIDADE NA ORIENTAÇÃO SEXUAL.

As manifestações da sexualidade, diferentes em cada etapa do desenvolvimento, são uma excelente oportunidade para os professores desenvolverem um trabalho não previamente programado. A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas.

O trabalho de Orientação Sexual se dará, portanto, dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. A Educação sexual se caracteriza por um conjunto de orientações desenvolvidas de forma assistemática sobre sexualidade (ALTMANN, 2001:580).

Este processo é global, não intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre a sua vida sexual, ao longo da vida. Esta forma de educação é denominada, segundo alguns autores, como informal, pois surgindo no seio da família, reproduzindo nos jovens os padrões de moralidade, numa dada sociedade. Ainda podemos identificar, nesta informalidade, a veiculação de informações citadas pelos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, TV, rádio, etc).

O tema da sexualidade está na ordem do dia da escola. Presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninas e meninos e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola. É tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas.

A criação do tema transversal: Orientação Sexual, nos Parâmetros Curriculares Nacionais é outro índice da inserção deste assunto no âmbito escolar. O interesse do Estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta. De acordo com os PCN's, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhadas ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola - e não mais apenas à família - desenvolver uma ação crítica reflexiva.

Os PCN's (1997) mostram que o trabalho de Orientação Sexual pode ser desenvolvido desde quando a criança entra na escola, ou melhor, desde a alfabetização e se desenvolve ao longo de toda a seriação escolar. Na verdade, não existe uma faixa etária pré-determinada para que se desenvolva esse trabalho, pois as manifestações da sexualidade infantil ocorrem desde muito cedo e são interferentes ao desenvolvimento humano. Suas expressões mais frequentes acontecem na realização de caricias no próprio corpo, entre outras. Essas manifestações também ocorrem no âmbito escolar e é necessário que a escola, enquanto instituição educacional posicione-se clara e consciente sobre as referências e limites com os quais deve trabalhar as expressões da sexualidade da criança.

Não é necessário despejar um caminhão de informações à criança. Porém, o que não pode ser justo é não satisfazer suas curiosidades em franqueza à medida que elas forem surgindo. É importante conversar com as crianças numa linguagem que elas dominem e que possam entender. [...] enfim, é necessário ter respeito à sexualidade infantil, o que significa respeitar a criança como um ser humano completo em capacidade de amar (NUNES e SILVA, 2000: 51-52).

A proposta definida pelos PCN's para o Ensino Fundamental visa contribuir para que crianças e jovens possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, visando à promoção do bem-estar sexual, pautando-se sempre pelo respeito por si e pelo próximo, buscando garantir a todos direitos básicos, como: saúde, informações e conhecimento, elementos indispensáveis na formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

A Orientação Sexual como tema transversal proposto pelos PCN's deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica, cujo objetivo é transmitir informações, problematizar questões e ampliar o leque de conhecimento e opções referentes à sexualidade, incluindo posturas a ela relacionadas, para que o próprio aluno escolha seu caminho.

Parece-nos relevante diante do que foi estabelecido pelos PCN, para a abordagem do tema, considerar que o próprio documento dá margem para compreendermos que a abrangência dos temas relacionados à sexualidade inviabiliza sua proposta transversal, e segundo essa afirmativa, contraditoriamente discorrem sobre a possibilidade de termos uma disciplina para o tema, pois se referem a um espaço próprio para a discussões, com a participação ativa dos educandos:

[...] a sexualidade se impõe, na sociedade contemporânea, como um dos maiores interesses dos adolescentes, exigindo posicionamentos e atitudes cotidianas. Temáticas como a gravidez na adolescência, masturbação, homossexualidade, iniciação sexual, pornografia e erotismo, aborto, violência sexual e outras, são exemplos de questões que extrapolam a possibilidade de transversalização pelas disciplinas. São temas polêmicos, que envolvam questões complexas e demandam tempo para serem aprofundadas, com ampla participação dos alunos, além de exigem maior preparo do educador (BRASIL, 1999, 331).

Diante desse quadro, analise sobre o que dizem os PCNs a respeito do tema orientação sexual é de fundamental importância para a área de educação. A fim de atingir os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal da orientação sexual com deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental a ser tratado por diversas áreas de conhecimento. O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdo transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

Esse tema deve ser tratado ao longo de todos os ciclos de escolarização todavia, a partir do sexto ano, além da transversalização, a Orientação Sexual comporta também uma sistematização dos trabalhos de Orientação Sexual na escola a partir desde ciclo. Os programas de orientação sexual devem ser organizados em torno de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS”.

Portanto, a Orientação Sexual destinada ao ensino fundamental, busca preencher lacunas nas informações que as crianças e jovens apresentam, proporcionando informações atualizadas do ponto de vista científico, dando-lhe a oportunidade de formarem opiniões do que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegeram como seus, ampliando conhecimentos a respeito da sexualidade humanos, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaços para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação de indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Práticas dos Professores da escola Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira de uma Escola Pública Municipal de Itaituba-PA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.

A escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, Localizada a Passagem Antonio Bilby, 1382 – Bairro Jardim das Araras, município de Itaituba/PA, foi inaugurado no ano 1999, pelo então Prefeito Edílson Dias Botelho. Possui 02 (dois) pavilhões, um administrativo e outro dividido em 09 salas de aula, onde atende um número de 584 alunos, em 2012 nos turnos manhã e tarde com a oferta do curso de Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano.

Conta com um quadro docente de 32 professores e um quantitativo de 21 profissionais do quadro administrativo e apoio. Atualmente encontra-se sob a administração do professor Francisco Andrade de Almeida e da professora Silvania Silva Nogueira e a secretária Célia da Silva Galvão. Tem como Filosofia “a educação é o caminho que transforma o mundo”.

A referida escola, desde a sua fundação, atendeu outros segmentos, cedendo espaço físico para funcionar o Curso Pré-Vestibular, Cursos Intervalares ofertados pela Universidade Federal do Pará, Universidade Estadual do Pará, Projeto Gavião, Fundação Esperança. E de 2007 a 2010, através de uma parceria entre Governo Municipal e Estadual, cedeu espaço físico para o funcionamento de 10 (dez) turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Maria das Graças Escócio Cerqueira.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS.

Com o objetivo de aprofundar a temática da orientação sexual no âmbito escolar, o presente estudo foi embasado em autores que discutem práticas e concepções da Orientação Sexual como LOURO (1997, 1999, 2000, 2004), FOUCAULT (1984,1990, 1993,1998), NUNES (1997), JUNQUEIRA (2006, 2007, 2009), BRASIL (1996, 1997, 1998, 2000, 2001, 2004) e WEREBE (1998).

O local da pesquisa foi a Escola Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, em que se realizou entrevistas com os professores do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, como instrumento de pesquisa, optou-se por aplicar questionários com 10 questões abertas e fechadas.

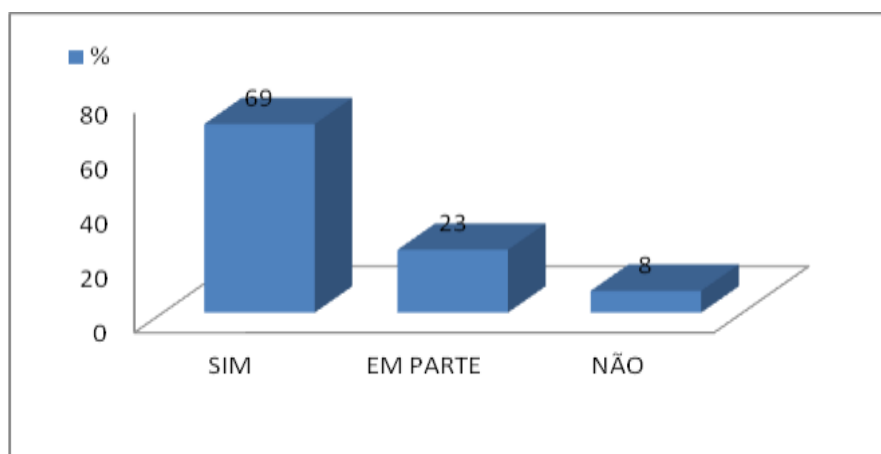
3.3 PRÁTICAS DOS PROFESSORES ACERCA DA TEMÁTICA DA SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR.

Para aprofundamento da temática quanto à prática no cotidiano escolar foi realizado entrevistas por meio de um questionário com 10 questões a 13 professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, que atuam do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental/9anos. Os entrevistados estão identificados de P₁ a P₁₃, sendo P=Professores.

Observa-se o perfil dos entrevistados na questão 1, com 06 professores atuam nos anos iniciais (1º ao 5º) e 07 professores nos anos finais (6º ao 9º), sendo que 77% possuem formação específica na sua área/disciplina de atuação e 23% estão cursando o nível superior. Os 13 professores entrevistados possuem uma média de 9 anos de trabalho nesta unidade escolar, o que revela certo conhecimento das ações e visão da instituição.

Foi perguntado aos professores na questão 2, se a instituição permite trabalhar a Orientação Sexual. 69% afirmaram que sim, 23% asseguraram que em parte e apenas 8% disse que a escola não permite que se trabalhe a orientação sexual, como pode ser observado no gráfico 01.

Gráfico 1. É permitido trabalhar a Orientação Sexual em sala de aula?



Fonte: Professores da EMEF Maria da Consolação de M. Cerqueira, 2012.

O que se pode ser analisado com bases nas respostas dos professores é que apesar da instituição permitir que se trabalhe a questão da sexualidade nas aulas, incluir a abordagem da sexualidade nos currículos é um assunto precário e pouco abordado na escola ou trabalhado de forma insatisfatória, fazendo com que na deficiência de um espaço onde os jovens possam conseguir informações seguras sobre o sexo, os mesmos acabem buscando, sozinhos, respostas para seus questionamentos com riscos de apropriar-se de conceitos errados e até mesmo iniciar sua vida sem a menor noção de proteção, expondo-se a riscos.

De acordo com a maioria, entende-se que a gestão da escola dar abertura para o professor tratar das questões da sexualidade no espaço escolar. O que pode ser confirmado por SILVA (2009:5) que destaca a escola como o lugar distinto para trabalhar da temática da sexualidade, pois é na escola que são construídas as primeiras relações sociais fora da família.

A escola é um lugar privilegiado para discutir-se a temática da sexualidade. Ela, sendo uma instituição social, atende crianças de todas as faixas-etárias, classes sociais e etnias. É na escola que as crianças passam um bom período de tempo diário. Assim, a escola constitui-se uma parceria da família na educação sexual das crianças.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais é importante incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos. Nesse sentido, perguntou-se aos entrevistados (questão 3) se há necessidade de capacitar os professores para tratar dos temas da sexualidade. E, como resultado obteve-se um índice de 77% que afirmou positivamente, 15% informou não ser necessário e ainda 8% assinalou que em parte, conforme quadro 1, que traz a justificativa de suas falas.

Quadro 1. Justificativa quanto à necessidade de capacitação para trabalhar Orientação Sexual.

Professores	Justificativa dos professores
P₁	<i>“Sim. Precisamos de especialistas para responder as perguntas”.</i>
P₂	<i>“Sim. É necessário professores qualificados na área”.</i>
P₅	<i>“Sim. Há necessidade de formação dos professores”.</i>
P₆	<i>“Sim. Toda formação é válida”.</i>
P₇	<i>“Sim. Capacitação para tratar deste assunto com os alunos”.</i>
P₉	<i>“Não. Pois, deve-se esperar os alunos se manifestarem”.</i>
P₁₀	<i>“Sim. Para fazer abordagens dos temas”.</i>
P₁₁	<i>“Sim. Orientação para os professores”.</i>
P₁₂	<i>“Em parte. É necessário o professor também buscar informações”.</i>
P₁₃	<i>“Sim. Preparação para os professores”.</i>

Fonte: Professores da EMEF Maria da Consolação de M. Cerqueira, 2012.

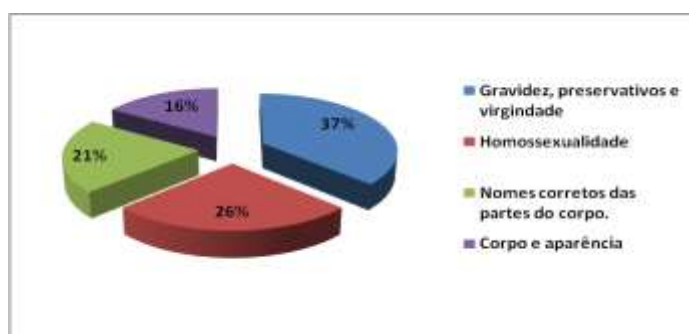
Pode se analisar com base nas respostas dos professores que há a necessidade da escola realizar um trabalho pedagógico contínuo que contemple várias abordagens possíveis sobre o tema. De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998: 138, “os conteúdos de orientação sexual podem e devem ser flexíveis de forma a abranger as necessidades de cada turma a cada momento”).

Na questão de nº 4 e 4.1 foi perguntado aos professores com que frequência eles são procurados pelos seus alunos para falar sobre a sexualidade? E quais as perguntas mais frequentes? 31% dos entrevistados informaram que muitas vezes foram procurados pelos alunos, 31% responderam que algumas vezes, e 38% afirmaram que nunca foram procurados. Nesse contexto, percebe-se que 62% dos professores são procurados pelos seus alunos para conversar sobre concepção, gravidez, preservativos, DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis, entre outros. Essas dúvidas dos alunos nos revela que os mesmos sentem, além da curiosidade, a necessidade de informações sobre as questões da sexualidade.

A criança é um ser no início de sua existência- a etapa ideal para o plantio e desenvolvimento de sementes para uma vida adulta equilibrada. Principalmente quando se trata de educação sexual [...]. Diante dessa realidade, é indispensável educá-las para que se transformem em figuras aptas à transmissão correta de conhecimentos e mensagens positivas (FUCS, 1993:150).

Solicitou-se ainda (questão 5), que os entrevistados informassem quais os temas da sexualidade que mais se apresentam na sala de aula. O resultado está demonstrado no gráfico 2 que destaca as questões sobre gravidez, preservativos e virgindade, com 37% dos temas mais revelados pelos alunos no espaço da escola; 26% sobre as questões da homossexualidade; seguido de 21% para as questões do uso correto das partes do corpo, e mais 16% enfatizaram serem as questões relativas ao corpo e aparência, os temas mais frequentes na sala de aula.

Gráfico 2. Temas da sexualidade que mais se apresentam em sala de aula.

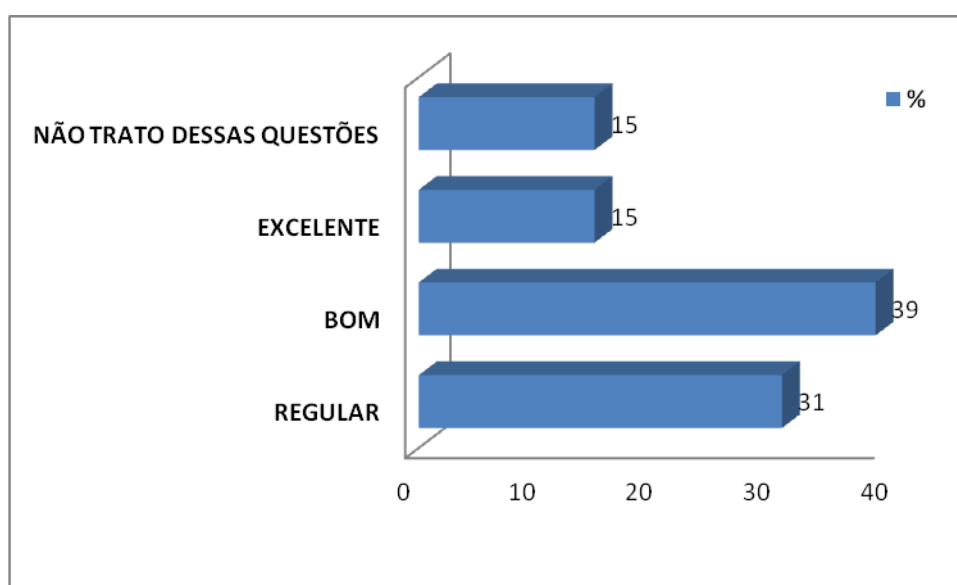


Fonte: Professores da EMEF Maria da Consolação de M. Cerqueira, 2012.

Os professores pesquisados relataram que solicitados pelos alunos para falar sobre o sexo, dentre as perguntas mais frequentes dos educandos estão questionamentos referentes à gravidez, preservativos, virgindade, homossexualidade, os nomes corretos das partes do corpo e a aparência. Todos responderam que possibilitam a abertura para que os alunos possam se expressar livremente com exceção de alguns professores que afirmaram nunca terem sido procurados pelos alunos.

Entende-se que a Orientação Sexual nas escolas é de fundamental importância para o bem estar das crianças, na vivência de sua sexualidade atual e futura. Portanto, foi perguntado aos professores na questão de nº 6, como se autoavaliam no trabalho desenvolvido quanto à Orientação Sexual aos seus alunos. O gráfico 3 demonstra que 31% dos entrevistados respondeu que acredita ser um trabalho regular, 39% se classifica como bom, 15% responderam que excelente e mais 15% afirmaram não tratar sobre a sexualidade em sala de aula, conforme demonstra o gráfico 3.

Gráfico 3. Autoavaliação do trabalho sobre Orientação Sexual.



Fonte: Professores da EMEF Maria da Consolação de M. Cerqueira, 2012.

As respostas indicam que a maioria dos professores consideram seu trabalho como sendo bom. Apenas 15% afirmaram que não tratam da questão ligada a sexualidade, essa constatação nos leva a indagar se os professores estão mesmos preparados para tratar da questão da sexualidade em suas aulas.

Na questão 7 foi indagado: Em sua opinião, de que forma a Orientação Sexual poderia ser trabalhada nas escolas? 61% dos entrevistados responderam que deveria ser trabalhada em forma de palestras ministradas por especialistas na

área, 31% disseram que deveria ser incluída no currículo escolar de acordo com os Pcn's e apenas 8% afirmaram que deveria haver parceria entre família e escola ao se tratar sobre a curiosidade sexual das crianças.

Evidencia-se nas respostas dos professores entrevistados a necessidade de palestras proferidas por profissionais habilitados na temática, uma vez que os professores sentem a necessidade de capacitação, conforme já enfatizado anteriormente no quadro 1. Uma vez que o trabalho de Orientação Sexual na escola pode contribuir para a eficácia do processo ensino-aprendizagem. A sexualidade relaciona-se ao aspecto emocional, que está intimamente relacionado aos desenvolvimentos intelectual e social.

Quando criança ou o adolescente possui curiosidades e angústias a respeito da sexualidade, o emocional dos mesmos fica abalado. As emoções manifestam-se na maneira de agir. Emoções negativas podem resultar em comportamentos hostis, passivos, indiferentes, presenciados no espaço, ou mesmo em dificuldades de aprendizagem (GOLEMAN, 1994:63).

Dando sequência às entrevistas perguntou-se na questão 8: A família cumpre seu papel em relação às informações sobre a sexualidade, onde 07 dos entrevistados responderam que a família não vem cumprindo seu papel em relação a informações sobre a sexualidade enquanto que 06 afirmaram que em parte as famílias vem cumprindo o seu papel sobre as informações da sexualidades para com seus filhos. O quadro 2 traz as justificativas nas falas dos entrevistados, que revela que a família é um modelo de comportamento sexual e que os mesmos tem o compromisso e o papel de educar e orientar seus filhos sobre a sexualidade, mas o que pode se observar é que os pais vem colocando essa responsabilidade toda na escola, por não terem instrução ou por se sentirem constrangidos ao falar sobre sexo com seus filhos.

A abordagem desse tema é muito difícil ainda para os pais, pois eles ainda não conseguem tratar desse assunto com maturidade. Como o tema é delicado ainda existem tabus e preconceitos a vencer, torna-se essencial a parceria entre educadores e pais.

Quadro 2. Opinião dos professores quanto à família está orientando seus filhos.

Professores	Justificativa dos professores
P₂	<i>“A família diz que essa responsabilidade é da escola”.</i>
P₃	<i>“A família deixa mais para os meios de comunicações e colegas”.</i>
P₄	<i>“Muitas vezes os pais não se sentem à vontade para falar”.</i>
P₅	<i>“Os pais, muitas vezes, passam informações conturbadas”.</i>
P₆	<i>“A responsabilidade é mais da mãe, que passa às vezes informações contraditórias, com base na sua criação”.</i>
P₇	<i>“Eles sentem dificuldades para falar sobre a sexualidade”.</i>
P₈	<i>“Falta de instrução”.</i>
P₉	<i>“A responsabilidade é deles”.</i>
P₁₀	<i>“Existem muitos pais ausentes, que não dão assistência a seus filhos”.</i>
P₁₁	<i>“A família tem que orientar do seu jeito”.</i>
P₁₂	<i>“A criança tem que buscar informação dentro da família”.</i>
P₁₃	<i>“Quem está ensinando a criança é mídia”.</i>

Fonte: Professores da EMEF Maria da Consolação de M. Cerqueira, 2012.

Pode-se considerar a família como sendo uma instituição de grande relevância social e histórica na medida em que contribuiu na construção da identidade social do indivíduo e auxilia a criança para que possa torna-se membro da sociedade. A criança deve ser educada como criança e não como um ser que obrigatoriamente deva exercer um papel sexual na sociedade. Menino ou menina devem ser educados sem excessos de diferenciação, pois desta forma, a criança pode aceitar a sua condição sexual naturalmente.

Continuando a entrevista perguntou-se aos entrevistados na questão 9 se eles poderiam relatar um fato que tenha acontecido na escola envolvendo questões da sexualidade e como foi solucionado, dos 13 professores entrevistados foram selecionados alguns relatos.

Duas garotinhas foram flagradas se beijando no banheiro da escola. Outro caso foi de vídeos pornográficos (em celulares) de alunos fazendo sexo no banheiro da escola. Nestes casos, foi conversado com os envolvidos e com a família (Professor 8).

Um fato interessante que aconteceu foi os alunos saírem desenhando o órgão sexual masculino nas carteiras escolares. Aproveitei a oportunidade para falar sobre os nomes corretos dos órgãos e de que sua funcionalidade é importante (Professor 9).

Há três anos uma aluna da 8ª série engravidou por ser descuidada, pois já tínhamos orientado que ter relações sexuais sem camisinha e sem medicamento, engravida (Professor 10).

Houve um caso de uma aluna sobre o uso de anticoncepcional, ou seja, a pílula do dia seguinte, que deixou a mãe em desespero. Porque a aluna não soube guardar a pílula na bolsa, deixando dentro do livro. Ao levantar-se da cadeira na sua casa, a pílula caiu do livro, e a mãe pegou e veio até a escola procurar investigar se os professores sabiam quem era o namorado. A direção orientou a mãe e a filha. (Professor 12).

Certamente não são poucos os educadores que, em algumas ocasiões, sentiram nervosismo e constrangimento ao surgir, dentro ou fora da sala de aula, o tema sexualidade, desviando as perguntas que provocam bloqueios emocionais e para as quais não tem respostas objetivas e oportunas. No contexto educacional, sabe-se a dificuldade da escola e dos profissionais da educação em abordar o tema Orientação Sexual. Nesse contexto, os professores possuem dificuldades, enquanto os alunos, curiosidades e dúvidas.

Por fim, na última questão de nº 10, perguntou-se: Que alternativas e ações seriam possíveis para aperfeiçoar o trabalho de Orientação Sexual nesta escola. Dos professores entrevistados 69% afirmaram que a realização de Palestras aos alunos com especialistas. Enquanto que 23% sugeriram qualificação para os professores auxiliarem seus alunos, e apenas 8% dos 13 entrevistados afirmou que a melhor alternativa e ação seria a parceria entre família e escola.

O que podemos observar com as respostas dos entrevistados é que é necessário haver formação continua para os professores para melhor trabalhar com o tema sexualidade em sala de aula em forma de palestras e prevenção para os alunos.

Portanto, entender a sexualidade como um conceito aberto é um pressuposto essencial para ações educativas eficazes, uma vez que é necessário almejar abarca no processo reflexivo as mediações sociais, históricas e individuais presentes na educação sexual, se esperamos contribuir para a emancipação dos educandos também nesse campo. Entende-se que mudar é difícil, a missão é árdua, os desafios são imensos, porém, cabe a cada um ousar e tentar mudar esse quadro, promovendo as mudanças necessárias, pois, como diz Cecilia Meireles, “o vento é o mesmo; mas sua resposta é diferente a cada folha”.

Concluindo este capítulo, pode-se afirmar que a educação é uma prática na escola de Itaituba, destacando as práticas dos professores referentes a questão da sexualidade em sala de aula esclarecendo as perguntas que mais se apresentam nas classes, como gravidez, preservativos, entre outros, deixando bem claro qu

49

educação sexual são os valores herdados por nossa família deixando claro que o papel da escola é de apenas orientar essa educação para que os alunos possam ter uma vida sexual ativa e segura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história da sexualidade se faz necessário para a compreensão da mesma na antiguidade, suas concepções e relevância para os dias atuais. E a escola precisa estar preparada para trabalhar com as questões da sexualidade em seu contexto. Dessa forma, este estudo discutiu as concepções acerca da sexualidade e a prática da orientação sexual no espaço escolar, pois, é necessário que a escola reconheça que desempenha um papel importante na educação de crianças e adolescentes para uma sexualidade ligada à vida, à saúde e ao prazer possibilitando descrever as reflexões dos professores, diante da percepção de alunos que estão voltados para a curiosidade sexual, a fim de constatar nas questões referentes a temática da sexualidade e em que medida a participação da família é considerada, e como vem de fato sendo trabalhadas as questões referentes à sexualidade da criança e do adolescente, tratando desse assunto no início da vida escolar, pois isso permitiria que as crianças compreendam o sexo sem tabus e preconceitos, aprendendo a respeitar a particularidade de cada indivíduo, tornando-se em um adultos mais responsáveis sexualmente. Portanto partindo da pesquisa realizada observou-se que a orientação sexual é uma pratica nas escolas públicas de Itaituba, apesar de ser trabalhada de forma insatisfatória, embora a orientação sexual aconteça as vezes no espaço escolar através de palestras ministradas por especialistas mostrando o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do aluno. De acordo com PCNs um dos objetivos da orientação sexual é levar o aluno a compreender a busca do prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana dando uma atenção especial aos temas que mais se apresentam na classe pelas crianças e adolescentes, tendo os educadores o papel de dialogar com os mesmos na orientação sexual com conteúdo que podem e devem ser flexíveis de forma a abranger as necessidades específicas de cada momento garantindo informações básicas sobre a sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-583, 2001.

_____. **Conferencias Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte III). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVI. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos. PNUD. 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MECSEF, 2000.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BASTOS, Denise. Escola, sexualidade e mídia televisada: reflexões de uma educadora. IN: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (Org.) **Ensaio sobre Educação, sexualidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade I - A vontade de saber**. Graal ed. Rio de Janeiro: 1988.

Foucault. Michel. História da sexualidade. 1: A vontade de saber. Graal, 1993.

FREUD, Sigmund. **Um caso de historia, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. Rio de Janeiro, 2006.

FUCS, Gilda Bacal. A educação sexual na Idade Adulta e na Velhice. IN: RIBEIRO, Marcos (Org.), ALMEIDA, Delfina. **Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993.

GTPOS, ABIA, ECOS. Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

JUNQUEIRA, R. D. (org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/SECADI, UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA Adelaide; BRANDT, Maria Elisa; HENRIQUES, Ricardo (Org.). **Gênero e diversidade sexual: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos SECADI. Brasília: MEC, 2007.

LOPES, Gerson. **Sexualidade Humana**. Rio de Janeiro. MEDSI. 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica 2000.

MACHADO, Júlio Cesar F. **Educação sexual: sexo com liberdade**. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

NUNES, César. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1997.

NUNES, C.& SILVA, E. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Políticas e Educação**. Autores e associados. São Paulo, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A -
Questionário a ser aplicado aos professores da Escola

FAI- Faculdade de Itaituba

Acadêmica: Janice Lopes da Costa.

Tema da monografia: **Orientação Sexual na Escola: Prática dos Professores da EMEF Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, município de Itaituba-PA.**

Prezado (a) professor (a),

Necessito de sua colaboração e sinceridade no preenchimento deste questionário, cuja finalidade é obter subsídios que proporcione condições de desenvolver minha monografia de graduação sobre a questão da sexualidade na infância e na adolescência.

1. Dados de identificação do entrevistado.

Graduação: _____

Pós-graduação: _____

Ano/série: _____ Disciplina que leciona: _____

Tempo de trabalho nesta escola: _____

2. Esta unidade de Ensino permite que se trabalhe a Orientação Sexual nas aulas?

() Sim

() Não

() Em parte

Justifique sua resposta. _____

3. De acordo com os Pcn's é importante incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos. Em sua opinião, há necessidade de capacitar, ou seja, preparar os professores para tratar dessa temática?

() Sim

() Não

() Em parte

Justifique sua resposta. _____

4. Com que frequência você é procurado pelos seus alunos para falar sobre as questões da sexualidade?

() Algumas vezes

() Muitas vezes

() Nunca fui

procurado

4.1Quais as perguntas mais frequentes feitas pelos alunos?

5. Quais os temas da sexualidade que mais se apresentam na sala de aula?
Assinale mais de uma alternativa, se necessário.

- () Menstruação. () Gravidez, preservativos e virgindade.
() Questões relativas ao gênero.
() Questões relativas ao uso dos nomes corretos das partes do corpo.
() Questões relativas à homossexualidade.
() Questões relativas ao namoro e afetividade.
() Questões relativas ao corpo e aparência.
() Outras. Quais? _____

6. Como você avalia seu trabalho desenvolvido em sala de aula sobre a Orientação Sexual?

- () Regular () Bom () Excelente
() Não trato das questões ligadas à sexualidade em minhas aulas.

7. Em sua opinião, a Orientação Sexual deveria ser trabalhada nas escolas em forma de:

- () Palestras(ministradas por especialistas na área).
() Inclusa no currículo escolar de acordo com os Pcn's.
() Penso que a Orientação Sexual é responsabilidade da família.
() Outros: _____

8. No seu entendimento, a família cumpre seu papel em relação a informações sobre sexualidade?

- () Sim () Não () Em parte

Justifique sua resposta. _____

9. Você poderia relatar um fato que tenha acontecido na escola que envolva as questões da sexualidade e como foi solucionado?

10. Para você que alternativas e ações seriam possíveis para aperfeiçoar o trabalho de Orientação Sexual nesta escola?

Agradecemos a colaboração